Posfácio

Danila Gentil Rodriguez Cal

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CAL, D.G.R. Posfácio. In: *Comunicação e trabalho infantil doméstico: política, poder, resistências* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 335-338. ISBN: 978-85-232-1870-6.
<https://doi.org/10.7476/9788523218706.0010>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Posfácio

**“Criança e trabalho infantil:
essa Vitória-Régia”**

Na porta do mundo
tem uma roseira
que flora e chora
não tem ventania
que apague a candeia
do sentimento

no pé do vento
tem uma cantiga
que quando sopra
roda a menina
derrama a alegria
realça o dia

toda criança que nasce
parece a primeira estrela
amor promessa
brilhando no céu do tempo.

Luli e Lucina, estas mulheres que têm a poesia entranhada na epiderme, dão, na letra da canção acima, o tom de minha comoção, a alegria ao ler Danila Cal e este *Comunicação e Trabalho Infantil Doméstico: política, poder, resistências*. Sim, “toda criança que nasce/parece a primeira estrela/amor promessa/brilhando no céu do tempo”. Assim, no meu modo de ler, eu que venho da literatura, se difunde a poesia-denúncia, página a página, nos ditos desta pesquisa séria, densa, dolorosa, mas essencial para o Brasil contemporâneo. Essencial porque ela parece reiterar, feito o coro da tragédia, a fala crucial grafada por Sófocles, no **Édipo Rei**: “decifra-me ou te devoro!”.

Danila Cal, em que pese sua pouca idade cronológica, demonstra sua sensibilidade e prospecção de pesquisadora social, comunicóloga, enfim, jornalista envolvida com as questões sociais que nos são caras. Afinal, discutir a relação infância e trabalho, em regimes sociais e econômicos que apontam, na Amazônia, o limiar da semiescravidão, auxilia decisivamente a desnudar uma sociedade hipócrita como a brasileira, o que demonstra que este modelo de civilização cristã tropical está falida e não se sustenta para além da débil caridade e da desfaçatez. Eis uma das funções da pesquisa acadêmica, que Danila Cal, professora e pesquisadora da UNAMA, levou às últimas consequências quando fez aflorar nossas mazelas sociopolíticas através do confronto entre os *media* sociais e o discurso das próprias trabalhadoras domésticas aqui escutadas com respeito e sabedoria. Danila, é preciso que se diga, encontrou na professora doutora Rousiley Maia, EME/UFGM a interlocutora ideal para dar forma a sua árdua missão. Afinal, sem competência, naturalmente associada à cumplicidade, não se faz pesquisa e muito menos se constrói uma tese de doutoramento, tese que constitui a argamassa deste livro que agora chega aos leitores do Brasil pela editora da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

O livro tese escrito por Danila, de algum modo prosseguimento da pesquisa iniciada no seu mestrado, traz uma “teia discursiva de relações de poder”; poder como dominação e como empoderamento junto às meninas domésticas do Pará. Poder que oprime, humilha e maltrata. Este livro, então, ao expor as

contradições da sociedade brasileira (na qual a paraense é uma mostra gritante), descontrói algumas falácias, dentre elas, a de que a Amazônia é um “vazio de ideias”, um “descampado intelectual”. A autora, pesquisadora meticulosa, está aí pra desconstruir tantos quantos a quiserem ler e constatar o que digo. Danila articula, como uma “maestra”, teóricos como Bourdieu, Habermas, Mansbridge, Honneth, Biroli, Lukes, Motta-Maués, entre outros. Mas chama atenção, a discussão das instâncias de poder na concepção de Allen: o *power over*, *power to* e *power with*. Articulada, eficiente argumentadora, a autora nos persuade e faz, de algum modo, sentirmos vergonha de pactuar, direta ou indiretamente, dos jogos hipócritas de opressão que lembra nosso DNA social de senhores que usam a chibata e, o que é pior, escondem as mãos sujas de sangue; refiro-me, é claro, às classes médias abastadas, que guardam muito de escravista e opressora. Por isto, embora não seja um cientista social, digo que, de certo modo, este *Comunicação e Trabalho Infantil Doméstico: política, poder, resistências* promove, num outro viés, uma provocativa releitura de *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre. Sim, amigo leitor, as reações contrárias das classes médias e altas brasileiras às leis de proteção social que se estenderam recentemente aos empregados domésticos demonstram que “há algo de podre no reino da Dinamarca”. A pesquisa de Danila Cal ajuda-nos a perceber como são frágeis os fios que amarram as máscaras com as quais se escondem a nossa classe média.

O que me agrada sobremaneira neste trabalho é o estilo de Danila, que lança mão, na abertura ou no decorrer de alguns capítulos, da literatura como ilustração dos fatos sociais, com o intuito de humanizar suas denúncias. Assim, vemos desfilar aqui, literatos fundamentais para a construção de nosso *ethos* amazônico, como Dalcídio Jurandir, João de Jesus Paes Loureiro, Maria Lúcia Medeiros; eles que escrevem com tal maestria, que nos encantam com suas metáforas correntes e redimensionadoras da realidade circundante. Eis um dos grandes trunfos deste livro: a realidade tensiona, e a literatura, através do poético, distende e emociona o leitor, provocando-lhe uma sensação de gozo, no sentido barthiano que a palavra contém. E isto não se dá de modo desconexo e arbitrário.

Tudo está intrincado. Cada fio se une a outro fio, formando filamentos, entrecruzamentos e canais por onde escoam as verdades duras do cotidiano das meninas domésticas, que ocupam um entrelugar nas nossas famílias, singularidades em nossas vidas e nos nossos afetos, mas que, de algum modo, acabamos por desconhecer. Por isto, confeccionado do modo como foi, do lugar acadê-

mico-social de que foi, com o refinamento teórico e poético com que foi, arrisco-me a dizer que este estudo de Danila Cal se assemelha a uma Vitória-Régia. Aparentemente frágil – como a vida das meninas domésticas que inspiraram este estudo –, aquela planta amazônica, quanto mais dela nos aproximamos, mais demonstra o quão forte é: capaz de, em espécimes mais viçosos, sustentar uma criança em sua circunferência e ainda ostentar uma bela flor cintilante, que nos cativa o olhar. Filamentos e canaletas de sustentação vegetal, no entanto, precisam de lucidez para que não sejam extintas, como tantas outras espécies botânicas já o foram, devido à prepotência e à ganância humanas.

Assim as crianças trabalhadoras envolvidas nesta cruzada da sociedade brasileira em constante mutação: beleza e fragilidade que devem ser cuidadas. Talvez seja interessante reiterar, como faz o grupo “Palavra Cantada”: “Criança não trabalha, criança dá trabalho [...]”, ou ainda, retomando o mote do início deste texto: “[...] Toda criança que nasce/parece a primeira estrela/amor promessa/brilhando no céu do tempo”. Este livro de Danila Cal não nos deixará esquecer (espero sinceramente que não) que criança é poesia em movimento; seu lugar é no coração de uma sociedade que precisa olhar pra si e orgulhar-se de relações sociais mais justas solidárias e equilibradas. Respeito e amor: eis palavras que nosso dicionário socioeconômico precisa ressignificar, e são esses sentimentos nobres que tecem o texto de Danila, linha a linha.

Paulo Nunes, Unama

Belém do Pará, 12 de janeiro de 2016.